

## Prefácio do autor

O exame dos textos da história da Igreja que temos à nossa disposição revela que a maioria deles reflete um viés denominacional ou teológico. Este texto foi escrito a partir de uma perspectiva conservadora não-denominacional. Uma filosofia cristã da história está na base desta apresentação.

Visto que ninguém consegue compreender a história do Cristianismo de forma efetiva sem possuir ao menos alguma concepção dos movimentos políticos, econômicos, sociais, intelectuais e artísticos de cada era da história, os eventos da história da Igreja são associados ao seu ambiente secular. A análise de pessoas, lugares, datas, eventos, idéias e tendências ou movimentos no seu contexto temporal e geográfico adequado nos ajuda a captar o fluxo da história da Igreja. Dei atenção ao impacto do Cristianismo sobre o seu tempo e à marca que o tempo deixou no Cristianismo. Tentei também associar informação, compreensão e interpretação numa síntese relevante que tem valor no presente.

Após quarenta anos de uso deste texto, tanto por professores quanto por estudantes na sala de aula e pelo público cristão em geral, sinto-me imensamente grato pelo fato de a sua demanda continuada haver tornado necessária e possível uma ampla revisão da obra. Sugestões de diversas pessoas foram muito úteis para melhorar a precisão e a clareza das informações deste livro.

Diversos novos mapas, quadros e diagramas foram acrescentados para ajudar na compreensão dos movimentos históricos e da associação entre eles ao longo do tempo. Foram acrescentadas também várias figuras e ilustrações novas. As bibliografias na introdução, no início de cada uma das grandes eras da história da Igreja e no final de cada capítulo foram ampliadas e atualizadas para colocar à disposição do leitor o melhor material primário e secundário. Muitas seções foram ampliadas e reescritas, por exemplo, as que tratam do escolasticismo, da reforma radical, do Catolicismo Romano e das igrejas no Oriente. O relato da era desde a Segunda Guerra Mundial foi revisado e ampliado significativamente para levar em consideração os novos desenvolvimentos, como a derrota dos governos totalitários de direita da Alemanha, Itália e Japão na Segunda Guerra Mundial e a queda do totalitarismo comunista de esquerda na Rússia e no Leste Europeu em 1989; o declínio das teologias liberal, neo-ortodoxa e radical; o surgimento do evangelicalismo, especialmente no Terceiro Mundo; o declínio do ecumenismo liberal politizado; o desafio que as organizações paraeclesiais e as megai-grejas apresentam às denominações; o avivamento protestante recorrente na bacia do Atlântico; a ênfase pentecostal-carismática-terceira-onda no Espírito Santo; mais poder e influência para as mulheres na Igreja; o crescimento global da Igreja apesar de severa perseguição; e um Catolicismo Romano mais aberto.

Espero que por meio deste livro muitas pessoas se tornem mais conscientes da sua herança e de seus ancestrais espirituais numa época de ênfase existencialista. Também espero que sejam compelidas a servir melhor a Deus e aos seus contemporâneos por meio da vida, da palavra e de atos. Tenho plena consciência do papel que colegas, professores, estudantes, outros autores e muitas outras pessoas tiveram no desenvolvimento deste texto. Desejo que por meio dele a causa de Cristo seja promovida e a Igreja edificada.

Earle E. Cairns  
Wheaton, Illinois



## Prefácio à nova edição em português

Ao mesmo tempo em que a Reforma explodiu na Alemanha de Lutero (e até antes), as Américas foram descobertas e o movimento missionário ibérico iniciou a sua marcha. Essa tentativa de evangelizar os índios americanos, que começou cedo na primeira metade do século XVI, tem sido muito ignorada pelos historiadores da Igreja de origem norte-atlântica. O movimento da expansão da Igreja geralmente segue a conquista do Império Romano, o surgimento do papado, a Reforma, o cruzar do Atlântico comum estudo detalhado da conversão dos Estados Unidos. Daí em diante, os textos de história falam da expansão mundial do cristianismo através das missões. Para muitos, porém, essa parte final é um pequeno capítulo.

K. S. Latourette é um dos poucos historiadores do Primeiro Mundo que dedica amplo espaço às missões católico-romanas que começaram no século XVI. O terceiro volume de sua *A History of the Expansion of Christianity* (Uma História da Expansão do Cristianismo) dedica 500 páginas às missões católico-romanas desde o século XVI até o século XVIII (Three Centuries of Advance. Grand Rapids, Zondervan, 1971). Há autores do Primeiro Mundo que têm se especializado na história latino-americana e dedicado bastante espaço à expansão da Igreja Católica Romana em suas páginas. (Cf. especialmente Lewis Hanke). Autores latinos, com a exceção de Justo L. González, não escreveram histórias gerais da Igreja. O próprio González, Enrique Dussel e a CEHILA estão iniciando a produção de amplo material sobre a história da Igreja na América Latina. Mesmo assim, permanece o fato de que os historiadores da Igreja têm passado muito por alto sobre as missões católico-romanas na América Latina.

Justamente por isso, os quatro capítulos escritos pelo prof. Richard J. Sturz e acrescentados à primeira edição desta obra foram mantidos nesta nova edição, pois visam contextualizar a história para estudantes latino-americanos. O primeiro deles é um panorama da conquista ibérica das Américas, destacando a dupla busca: ouro e almas. O segundo trata do período imediatamente seguinte, e leva a história até os períodos colonial e republicano no início do século XX. A implantação do Protestantismo na América Latina nos séculos XIX e XX é o tema do terceiro capítulo escrito pelo professor Sturz. O último capítulo dele é uma análise das tendências e uma modesta tentativa para indicar as direções que as igrejas estavam para tomar nas últimas décadas do século XX.

As modificações introduzidas na nova edição estão comentadas de forma mais detalhada no prefácio do autor.

Essa nova edição que o leitor tem em mãos é parte do projeto de revitalização das obras clássicas do catálogo Vida Nova. A edição anterior foi produzida por mais de 20 anos. Esperamos que a nova edição também continue por muitos anos a abençoar líderes e pastores, preparando-os para o trabalho do Reino.

Os editores  
Abril de 2008



## Introdução

A curiosidade pelo passado caracteriza o homem há muito tempo, desde Nabonido, que viveu na Caldéia no século VI antes de Cristo, até os arqueólogos e historiadores de hoje. Os cristãos nutrem um interesse especial pela história porque nela estão firmados os fundamentos de sua fé. Deus fez-se homem e viveu no tempo e no espaço na pessoa de Cristo. O cristianismo tornou-se a mais global e universal de todas as religiões que surgiram no passado, tanto no Oriente Próximo quanto no Extremo Oriente. Além disso, tem sido cada vez mais influente na história da espécie humana. Portanto, a história da Igreja é um assunto de enorme relevância para o cristão que deseja conhecer sua herança espiritual para imitar os bons exemplos do passado e evitar os erros que a Igreja tem cometido com frequência.

### I. Que é história da Igreja?

O substantivo alemão *Geschichte* é derivado do verbo *geschehen*, que significa acontecer, e refere-se à história mais como *evento* do que como processo ou produto. Assim, história pode ser definida, primeiramente, como um *acontecimento*, um evento real, ou seja, que acontece no tempo e no espaço como resultado da ação humana. Tal acontecimento é absoluto e objetivo e só pode ser conhecido direta e plenamente por Deus. A história não pode se repetir exatamente mais tarde em outro lugar, embora o historiador possa identificar paralelos e padrões, porque as pessoas podem se comportar de modo semelhante em tempos e locais diferentes, e podem ser afetadas pelo bem ou pelo mal.

Um segundo significado para a palavra *história* é *informação* a respeito de um acontecimento. Essa informação sobre o passado, geralmente indireta, pode estar em forma de documento ou objeto relacionado ao acontecimento. Diferentemente do cientista que pode estudar seu material objetiva e diretamente, o historiador está subjetivamente limitado porque faz parte de seu próprio objeto de estudo e tem de levar em consideração as ações de Deus no tempo e espaço, considerar o papel do homem na história como um agente livre, e compreender que seus dados são indiretos. A catedral de São Pedro em Roma, as catacumbas, uma bula papal e os mosaicos de Ravena são exemplos de história como informação.

A palavra história vem do substantivo grego *historia*, que é derivado do verbo grego *historeo*. Essa palavra foi usada pelos gregos da Ática e significava originariamente aprender pela pesquisa ou investigação. Paulo usou o termo em Gálatas 1.18 para descrever seu encontro com Pedro em Jerusalém. Isso leva a um terceiro significado de história como *investigação* ou pesquisa para estabelecer a veracidade e descobrir dados acerca do passado. A História é uma ciência distinta com um processo de pesquisa próprio. O historiador testa a autenticidade, genuinidade e integridade de sua informação por meio de um cuidadoso estudo do pano de fundo e do texto de seu material. Induções válidas também podem ser desenvolvidas à medida que o estudioso observa o surgimento objetivo de padrões em seu material.

O historiador que vai tão longe para saber quem ou o que, e quando e onde deve também perguntar por quê, ou qual o significado de seus dados. Os gregos, que usaram a palavra *historikos* como outro termo para história, pensavam em história nesse sentido como sendo o produto da investigação. Isso sugere um quarto significado de história como *interpretação*. Ela é a reconstrução subjetiva do passado à luz dos dados, dos

pressupostos do historiador e do “clima da opinião” de sua época, além do elemento da liberdade da vontade humana. Essa reconstrução não consegue jamais contar o passado em todos os seus detalhes, mas será sempre parcial, sujeita a erros e interferências de opiniões pessoais do ser humano. Entretanto, surgirá um consenso acerca do passado, à medida que um historiador examina o trabalho de outro. Geralmente, é esse o tipo de história ensinada em sala de aula. Embora a verdade absoluta acerca do passado esteja fora do alcance do historiador, ele procurará apresentar a verdade sobre o passado objetiva e imparcialmente na medida em que seus dados o permitirem. Após esses esclarecimentos, o estudante já sabe que história pode ser evento ou acontecimento, informação, pesquisa ou processo e produto, ou interpretação. A história como evento é absoluta, ocorrendo somente uma vez no tempo e no espaço; mas história como informação, pesquisa e interpretação é relativa e sujeita à mudança.

A história pode ser definida como relato interpretado do passado humano socialmente importante, baseado em dados organizados, reunidos pelo método científico a partir de fontes arqueológicas, literárias ou vivas. O historiador da Igreja deve ser tão imparcial na coleta de dados históricos quanto o historiador secular, muito embora reconheça que ninguém pode ser neutro diante dos dados, uma vez que cada um tratará do material com uma estrutura própria de interpretação.

Portanto, a história da Igreja é o relato interpretado da origem, progresso e impacto do cristianismo sobre a sociedade humana, baseado em dados organizados, reunidos pelo método científico a partir de fontes arqueológicas, documentais ou vivas. Ela é a história interpretada e organizada da redenção da humanidade e da terra.

A obra do Espírito Santo na Igreja e através dela acrescenta um elemento sobrenatural à história da Igreja. Deus é transcendente na criação, mas imanente na história e na redenção.

## II. A produção de uma história da Igreja

### A. O elemento científico

A história da Igreja terá um elemento científico, já que o historiador eclesiástico aplica o método científico. O historiador usa o trabalho científico do arqueólogo, que revela informações a partir dos vestígios do passado que encontra em suas escavações. O estudo da arte das catacumbas de Roma nos ensinou muito sobre a Igreja Primitiva.

O autor de uma história da Igreja terá de usar também as técnicas da crítica literária para avaliar os documentos da história da Igreja. Ele terá de privilegiar as fontes originais, sejam elas levantadas pelo arqueólogo, mostradas pelos documentos ou contadas por testemunhas oculares. Todo esse material e sua análise respondem as perguntas vitais do método histórico: quem, o que, quando e onde. As duas últimas perguntas são importantes para o historiador porque os eventos históricos são condicionados pelo tempo e pelo espaço.

O trabalho do historiador é científico quanto ao método, mas não resultará em ciência exata porque as informações sobre os acontecimentos do passado em que ele se baseia podem ser incompletas ou falsas, além do fato de que ele sofre influência de seus próprios preconceitos, do pensamento de seu tempo e das idéias de grandes homens. Ele também é um agente voluntário que é parte de seus dados. O papel de Deus como um ator na história inviabiliza a idéia de história como uma ciência exata.

## B. O elemento filosófico

Os historiadores se dividem em escolas de história e filosofias da história conforme o significado que buscam na história. Aquelas procuram encontrar uma causalidade objetiva e científica no homem, natureza ou processo em função do tempo; já estas procuram relacionar os dados a um supremo ou absoluto eterno.

Os deterministas geográficos e econômicos, junto com os biógrafos, constituem três das mais importantes escolas de história. Em seus livros sobre a história da Igreja Americana, William W. Sweet, da escola de interpretação da história da Igreja denominada “de fronteira”, fez da geografia da fronteira o fator determinante. A escola biográfica ou do “grande homem” é ilustrada pela obra de Carlyle sobre Cromwell, em que a Guerra Civil Inglesa de meados do século XVI surge como um reflexo de Cromwell. A *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*,<sup>1</sup> de Max Weber, na qual ele alega que o Protestantismo levou ao surgimento do capitalismo, é um exemplo da escola econômica de interpretação. Esses intérpretes da história procuram as causas da história no homem, na natureza ou no processo.

As filosofias da história podem ser divididas em três categorias para facilitar a compreensão:

1. Um grupo pode ser chamado de *pessimista*. Estudando apenas a história “debaixo do sol”, esses historiadores adotam uma interpretação materialista da realidade. São obcecados pelo fracasso do homem na história. A obra de Oswald Spengler (1880-1936), *The Decline of the West* (O Declínio do Ocidente),<sup>2</sup> ilustra bem esse tipo de interpretação. Spengler interessava-se mais pelas civilizações do que pelas nações. Cada civilização, dizia ele, passa por um ciclo de nascimento, adolescência, maturidade, decadência e morte. A civilização ocidental, a mais nova das civilizações, está em seu período de decadência. Morrerá logo, e com ela morrerá também o cristianismo. Obcecados com a idéia de fracasso do homem, pensadores como Spengler não vêem qualquer progresso na história. Suas interpretações podem ser simbolizadas por uma série de ciclos idênticos sobrepostos um ao outro, em que o tempo é cíclico.

2. Um segundo grupo pode ser classificado de *otimista*. Sua leitura da história pode ser simbolizada por um gráfico ascendente de níveis crescentes de uma espiral. A maioria dos intérpretes otimistas é humanista: eles vêem o homem como o fator principal e determinante da história. Em geral aceitam a evolução biológica e social e vêem o tempo como linear.

A obra de Arnold J. Toynbee (1889-1975), um importante filósofo contemporâneo da história, ilustra esse tipo de interpretação. Toynbee concordava com Spengler acerca da importância de se estudar a história das civilizações. Porém, ao contrário de Spengler, acreditava que toda civilização marcha para uma meta: a terra como uma província do Reino de Deus. Apesar de sua abordagem claramente espiritual da história, ele aceitava a crítica bíblica contemporânea e a teoria da evolução.

Outro otimista, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), o famoso filósofo alemão do século XIX, via a história como o desdobramento do Espírito Absoluto no desenvolvimento da liberdade humana. O progresso ocorre por um processo em que sucessivas séries de contradições se harmonizam até que o Absoluto se manifeste plenamente na história.

<sup>1</sup> 1904 reimpr. Nova York, Scribner, 1930.

<sup>2</sup> Nova York, Knopf, 1939.

Outro pensador do século XIX, Karl Marx (1818-1883), também pertencia à escola otimista. Apropriando-se da lógica de Hegel, ele rejeitou a interpretação que este fazia da realidade. Marx propôs que a matéria em movimento é a única realidade e que todas as instituições humanas, inclusive a religião, são determinadas pelos processos econômicos de produção. Para ele, uma série de lutas de classe culminaria na vitória dos operários e no estabelecimento de uma sociedade sem classes. Observe-se que, assim como Toynbee e Hegel, Marx enfatizava o poder do homem para redimir-se a si mesmo e ao mundo.

3. O terceiro grupo de intérpretes, em que o autor se coloca, pode ser descrito como o dos *otimistas pessimistas*. Esses historiadores concordam com a ênfase dos pessimistas no fracasso do homem não-regenerado; porém, à luz da revelação e da graça divina, são otimistas em relação ao futuro do homem.

Os otimistas pessimistas abordam a história como teístas bíblicos e procuram encontrar a glória de Deus no processo histórico. A história torna-se um processo de conflito entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo, no qual o homem não tem nenhuma esperança à parte da graça de Deus. A obra de Cristo na cruz é a garantia final da vitória certa do plano divino para o homem e para a terra, quando Cristo retornar.

*A Cidade de Deus*, uma defesa e uma exposição do cristianismo por Agostinho (354-430) um dos Pais da Igreja, ilustra bem essa interpretação, embora muitos cristãos não concordem com a identificação do atual período da Igreja com o Milênio. A majestade da concepção agostiniana reside na sua atribuição da *criação* ao Deus soberano. A *extensão* ou escopo da filosofia da história em Agostinho abrange toda a espécie humana, ao contrário de favorecer a nação germânica, como em Hegel, ou a classe operária, como em Marx. Agostinho sustenta que o *curso* da história humana tem o seu centro na cruz; a graça que flui dela opera na Igreja Cristã, o Corpo invisível de Cristo. Os cristãos, com a força divina que os fortalece, colocam-se ao lado de Deus na luta contra o mal até que a história alcance a sua *consumação* no retorno de Cristo.

Meu livro, *God and Man in Time* (Deus e o Homem no Tempo),<sup>3</sup> é uma tentativa contemporânea de dar um enfoque cristão à história.

## C. O elemento artístico

Finalmente, o historiador deve procurar ser o mais artístico possível na sua apresentação dos fatos. Os historiadores modernos não têm se empenhado em fazer uma apresentação literariamente agradável da história como deveriam. Por isso, os alunos muitas vezes vêem a história como uma recitação monótona de dados desconexos.

## III. O valor da história da Igreja

A história da Igreja será apenas um enfadonho exercício acadêmico de recordação dos fatos se não se descobrir o seu valor para o cristão. Os antigos historiadores tinham grande apreço pelos valores pragmáticos, didáticos e morais da história, o que não caracteriza a maioria dos historiadores modernos. O estudante consciente dos valores apreendidos no estudo da história da Igreja Cristã tem bons motivos para se interessar por essa área particular da história humana.

<sup>3</sup> Grand Rapids, Baker, 1979.

## A. A história da Igreja como uma síntese

Um dos valores fundamentais da história da Igreja é a correlação que ela faz entre os dados factuais do passado do Evangelho, e a proclamação e aplicação futura desse Evangelho numa síntese atual que nos ajuda a compreender nossa grande herança e a inspiração para sua proclamação e aplicação posterior. A história da Igreja mostra o Espírito de Deus em ação através da Igreja durante os séculos de sua existência. A teologia exegética está intimamente ligada à teologia prática na medida em que o estudante percebe o impacto da teologia sistemática sobre o pensamento e a ação humana no passado.

## B. A história da Igreja como um auxílio para a compreensão do presente

A História da Igreja é também valiosa como explicação do presente. Podemos compreender melhor o presente se conhecemos as suas raízes no passado. A resposta à intrigante questão da presença de várias centenas de grupos religiosos nos Estados Unidos pode ser encontrada na história da Igreja. O princípio de separação surgiu bem cedo na história da Igreja e se acentuou com a Reforma. É interessante remontar ao passado da Igreja Episcopal Protestante e ver na luta entre o poder real e o papado a origem da Igreja Anglicana. O metodista se interessa pelos primórdios de sua igreja no reavivamento wesleyano que acabou provocando a separação do Metodismo da Igreja Anglicana. Os seguidores da fé reformada ou presbiteriana terão prazer em traçar a origem de sua Igreja desde a Suíça. Assim, tornamo-nos conscientes de nossa herança espiritual.

Crenças e práticas litúrgicas diferentes são mais facilmente compreensíveis à luz da história. Os metodistas se ajoelham diante do altar para a ceia porque, durante muito tempo, foram uma igreja dentro da Igreja Anglicana e seguiam seus costumes litúrgicos. Por sua vez, os presbiterianos recebem a ceia assentados. As diferenças entre as teologias metodista e presbiteriana ficam mais evidentes quando se estudam as doutrinas de Calvino e de Armínio.

Os problemas contemporâneos da Igreja são muitas vezes esclarecidos pelo estudo do passado, pois existem padrões e paralelos na história. A recusa de muitos ditadores modernos em permitir que o seu povo tenha interesses particulares independentemente de sua vida pública no Estado é mais fácil de ser compreendida quando lembramos que os imperadores romanos achavam que quem tivesse uma religião pessoal estava ameaçando a existência do Estado.

A relação entre a Igreja e o Estado tornou-se novamente problemática na Rússia e em seus estados satélites; e é de se esperar que o Estado venha a perseguir os cristãos assim como fizeram Décio e Diocleciano. O perigo intrínseco da união entre Igreja e Estado através do apoio deste a escolas paroquiais e do envio de embaixadores ao Vaticano é esclarecido pelo lento declínio da espiritualidade na Igreja e pela interferência do poder temporal nos círculos eclesiais, começando com o controle do Concílio de Nicéia por Constantino, em 325. Tennyson, em seu poema *Ulysses*, nos relembra que “somos uma parte de tudo que encontramos”.

## C. A história da Igreja como um guia

A reparação dos males existentes na Igreja ou a capacidade de evitar erros e práticas equivocadas é outra utilidade do estudo do passado da Igreja. O presente é certa-

mente o produto do passado e a semente do futuro. Paulo nos lembra em 1 Coríntios 10.6,11 que os eventos do passado devem nos ajudar a evitar o mal e imitar o bem. O estudo da Igreja Católica Romana na Idade Média revelará o perigo do eclesiasticismo contemporâneo que parece insinuar-se no Protestantismo. Novas seitas aparecem geralmente como velhas heresias travestidas. A Ciência Cristã pode ser mais bem compreendida quando estudamos o gnosticismo na Igreja Primitiva e as idéias dos albigenses nos tempos medievais. A ignorância da Bíblia e da história da Igreja é a razão principal por que muitos enveredam por falsas teologias e por práticas erradas.

#### **D. A história da Igreja como uma força motivadora**

A história da Igreja também oferece edificação, inspiração ou entusiasmo, que estimulam uma vida espiritual elevada. Paulo acreditava que o conhecimento do passado traria esperança à vida cristã (Rm 15.4). Ninguém estuda a brava postura de Ambrósio de Milão, ao recusar a ceia ao imperador Teodósio até que ele se arrependesse do massacre da multidão tessalônica, sem se sentir encorajado a lutar por Cristo contra o mal presente nos altos círculos políticos ou eclesiásticos. A disposição e a força que capacitaram Wesley para pregar mais de dez mil sermões e viajar milhares de quilômetros a cavalo são uma repreensão e um desafio aos cristãos que dispõem de meios muito melhores que Wesley para viajar e estudar, mas não os usam como deveriam. Podemos não concordar com a teologia de Rauschenbusch, mas é impossível não nos sentirmos inspirados pela forma apaixonada como ele aplicou o Evangelho aos problemas sociais. A história da vida de Carey foi e continua sendo uma inspiração para a obra missionária. O aspecto biográfico da história da Igreja é algo que inspira e desafia o estudante.

Há também edificação quando alguém toma consciência de sua árvore genealógica espiritual. É tão necessário para o cristão conhecer sua genealogia espiritual quanto o é para o cidadão estudar a história de seu país para exercer sua cidadania de forma consciente. Ao mostrar o desenvolvimento genético do cristianismo, a história da Igreja está para o Novo Testamento assim como o Novo Testamento está para o Antigo. O cristão precisa conhecer os principais contornos do crescimento e progresso do cristianismo tão bem quanto conhece a doutrina bíblica. Desse modo, ele se sentirá parte do Corpo de Cristo, que inclui um Paulo, um Bernardo de Claraval, um Agostinho, um Lutero, um Wesley e um Booth. O sentido de unidade que surge do conhecimento da continuidade da história produzirá enriquecimento espiritual.

Quem estiver preocupado com o futuro da Igreja nos países onde ela é perseguida ficará mais esperançoso à medida que perceber a indestrutibilidade da Igreja em tempos passados. Nem a perseguição externa, nem a incredulidade interna, nem a teologia falsa conseguem resistir à força perene da renovação que se observa na história dos reavivamentos na Igreja. Mesmo os historiadores seculares reconhecem que o reavivamento wesleyano foi o instrumento que salvou a Inglaterra de uma revolução semelhante à francesa. O estudo da história da Igreja exerce uma influência estabilizadora numa época de secularismo, pois vemos o poder de Deus operando através da vida de pessoas transformadas pelo evangelho.

Entretanto, devemos lembrar que a Igreja pode ser destruída em uma área particular por causa da decadência interna ou por uma intolerável pressão externa. A excelente Igreja na antiga Cartago, os nestorianos na China do século VII e a Igreja Católica Romana no Japão do século XVI desapareceram.

## E. A história da Igreja como uma ferramenta prática

A leitura da história da Igreja tem muitas utilidades práticas para o obreiro cristão, seja ele ou ela evangelista, pastor ou professor. Tenho verificado com prazer como a teologia sistemática tem se tornado mais fácil de entender quando o aluno estuda seu desenvolvimento histórico. As doutrinas da Trindade, de Cristo, do pecado e da soteriologia nunca serão compreendidas de forma adequada sem um conhecimento da história do período que vai do Concílio de Nicéia ao Concílio de Constantinopla, em 680.

O aluno que estuda com afinco a história da Igreja também encontra em seu conteúdo um farto material para ilustrar seus sermões. Se ele quiser alertar sobre os perigos de um misticismo cego que coloca a iluminação cristã no mesmo nível da inspiração da Bíblia, então deverá estudar os movimentos místicos da Idade Média ou os primórdios do movimento quacre. Se ele procura avisar contra os perigos de uma ortodoxia desligada do estudo e da aplicação dos ensinamentos da Bíblia, deve atentar para o período da fria ortodoxia no luteranismo a partir de 1648, que criou uma reação conhecida como pietismo, um movimento que destacou o estudo sincero da Bíblia e a prática da piedade na vida diária.

## F. A história da Igreja como força libertadora

Finalmente, a história da Igreja tem um valor cultural. A história da civilização ocidental é incompleta e ininteligível sem a compreensão do papel da religião cristã no desenvolvimento dessa civilização. A história do homem não pode ser divorciada da história de sua vida religiosa. Os esforços de déspotas ao longo dos séculos para eliminar a religião cristã redundam sempre na substituição desta por alguma religião falsa. Tanto Hitler como Stalin, ao enfatizarem a raça e a classe social, deram aos seus sistemas um elemento religioso.

Quem estuda a história da Igreja jamais se isolará em sua denominação, pois perceberá a unidade do verdadeiro Corpo de Cristo ao longo dos séculos. Ele também se tornará mais humilde ao encontrar os gigantes da sua herança espiritual e perceber o quanto lhes deve. Ele se tornará mais tolerante para com aqueles que dele diferem em questões não-essenciais, mas que, como ele, aceitam as grandes doutrinas básicas da fé, como a morte vicária e a ressurreição de Cristo, ensinadas por Paulo em Atos 17.2,3 e 1Coríntios 15.3,4.

## IV. A organização da história da Igreja

### A. Divisões da história da Igreja

Por uma questão de conveniência, a história da Igreja pode ser organizada a partir dos seguintes tópicos:

1. O elemento *político* envolve as relações entre a Igreja e o Estado, bem como o ambiente secular da Igreja. Ninguém poderá entender como se inverteu na política francesa a situação criada pela Constituição Civil do Clero em 1790 para a situação criada pela Concordata de Napoleão, em 1801, sem saber como Napoleão destruiu o elemento democrático da Revolução Francesa e criou um novo sistema autoritário em

que a Igreja (Católica Romana) era a única que contava, por ser a religião da “maioria dos franceses”. Para interpretar corretamente a história da Igreja é necessário compreender as forças políticas, sociais, econômicas e artísticas em operação na história. Essas informações serão dadas quando forem apropriadas.

2. A *propagação* da fé cristã não pode ser ignorada. Ela envolve o estudo de missões estrangeiras, missões nacionais e missões urbanas, além da história das estratégias adotadas na comunicação do Evangelho. A história de missões tem seus heróis e mártires e é parte integrante da história da Igreja. A natureza essencialmente pessoal da propagação do cristianismo e as possibilidades ilimitadas de uma igreja fiel a seu Senhor se evidenciam num estudo da propagação da fé.

3. Essa propagação provocou, em muitas circunstâncias, a *perseguição* à Igreja, que foi realizada primeiro contra o estado político-eclesiástico judeu, organizada a um nível imperial por Décio e Diocleciano, integrada ao sistema muçulmano e resuscitada pelos estados totalitários seculares de hoje.

O estudo das perseguições revela a veracidade da afirmação de Tertuliano de que “o sangue dos cristãos é a semente” da Igreja. Esse capítulo da história da Igreja, longe de desencorajar, mostra que a Igreja fez seus maiores progressos nos períodos de perseguição ou imediatamente subseqüentes.

4. A *administração* é outro capítulo da história da Igreja. É o estudo do governo da Igreja, observando se é feito através dos bispos (episcopado), através dos presbíteros (presbiterianismo), através da congregação num sistema de democracia mais direta do que representativa (congregacionalismo) ou através de qualquer sistema elaborado a partir desses três. Integram esse tópico também o estudo da posição do ministro e a evolução da distinção entre o clero e o laicato. A disciplina e as formas de adoração (liturgia) estão ligadas a esse ponto.

5. A *polêmica*, que se refere à luta da Igreja para combater a heresia e manter firme a sua própria posição, é um aspecto importante da história da Igreja. Ela envolve o estudo das heresias adversárias e da formulação de doutrinas, de credos e da literatura cristã em resposta às heresias. A literatura dos Pais da Igreja é um campo extremamente rico para o estudo da polêmica, sejam os escritos de Justino Mártir, respondendo à argumentação de que o Estado era tudo na vida, ou o pensamento de Ireneu, mostrando as heresias em que incorriam os vários tipos de gnosticismo. A maioria dos sistemas teológicos nasceu num período de luta para enfrentar as necessidades existentes. As épocas entre 325 e 451 e entre 1517 e 1648 se caracterizam pela presença da polêmica. Calvino desenvolveu seu sistema teológico na intenção de criar uma teologia bíblica que não apresentasse os erros do Catolicismo Romano.

6. Outra seção de nosso estudo poderia ser chamada de *práxis*, por considerar o trabalho prático na vida do cristão. A vida familiar, a obra social e a influência do cristianismo sobre a vida diária são partes desse capítulo da história da Igreja, que envolve o estilo de vida da igreja.

7. O cristianismo não continuaria crescendo se parasse de atentar para o problema da *apresentação* da verdade. A apresentação trata do estudo do sistema educacional da Igreja, sua hinologia, liturgia, arquitetura, arte e pregação.

Cada um desses capítulos será discutido nas áreas em que cada um for mais importante, embora nem todos sejam discutidos detalhadamente em todos os períodos. Cada um deles pode ser o tema central de estudos fascinantes para os que se interessarem em fazê-lo pessoalmente, uma vez obtida a formação básica necessária.

## B. Períodos da história da Igreja

O estudante deve se lembrar que a história é uma “túnica inconsútil”. Com essa expressão, Maitland quis dizer que a história é uma seqüência contínua de eventos dentro da estrutura do tempo e do espaço. Por essa razão, a periodização da história da Igreja é apenas um recurso artificial para colocar os dados da história em segmentos facilmente perceptíveis e ajudar o estudante a guardar os fatos essenciais. O povo do Império Romano não foi dormir uma noite na Antiguidade e acordou na manhã seguinte na Idade Média. Existe uma transição gradual de uma certa visão da vida e atividade humana que caracteriza uma era da história para uma nova visão que caracteriza outra era. Como a divisão da história em períodos auxilia a memorização, ajuda a estudar um segmento de cada vez e apresenta a visão de mundo daquele período específico, é conveniente organizar a história cronologicamente.

### *História da Igreja Antiga, 5 a.C. – 590 d.C.*

O primeiro período da história da Igreja revela a evolução da Igreja Apostólica para a Antiga Igreja Católica Imperial, e o início do sistema Católico Romano. O centro de atividade era a bacia do Mediterrâneo, que incluía regiões da Ásia, África e Europa. A Igreja operava dentro do ambiente cultural da civilização greco-romana e do ambiente político do Império Romano.

#### *O Avanço do Cristianismo no Império até 100*

Nessa seção, a atenção será dada ao ambiente em que a Igreja nasceu. A construção do alicerce da Igreja com base na vida, morte e ressurreição de Cristo e sua fundação entre os judeus são importantes para se compreender a gênese do cristianismo. O crescimento gradual do cristianismo nas fraldas do judaísmo e a ruptura desses laços no Concílio de Jerusalém antecedem a pregação do Evangelho aos gentios por Paulo e outros, e também a emergência do cristianismo como uma seita separada do judaísmo. Será ressaltado também o papel fundamental dos apóstolos nesse período.

#### *A Luta pela sobrevivência da antiga Igreja Católica Imperial, 100–313*

Nesse período, a Igreja teve sua existência constantemente ameaçada pela oposição de fora: a perseguição pelo Estado romano. Os mártires e os apologistas deram a resposta da Igreja a esse problema *externo*. A Igreja também enfrentou o problema *interno* da heresia, que teve uma resposta cristã por parte dos polemistas.

#### *A Supremacia da antiga Igreja Católica Imperial, 313–590*

A Igreja enfrentou os problemas decorrentes de sua conciliação com o Estado sob Constantino e sua união com o Estado na época de Teodósio. Logo ela se viu dominada pelo Estado. Os imperadores romanos queriam uma doutrina unificada a fim de unificar o Estado e salvar a cultura greco-romana. Os cristãos, porém, não tinham conseguido criar um corpo de doutrina no período da perseguição. Seguiu-se, então, um longo tempo de controvérsias doutrinárias. Os escritos dos Pais da Igreja de origem grega e latina, autores de inclinação mais científica, foram a conseqüência natural das disputas teológicas. O monasticismo surgiu, em parte, como reação e, em parte, como protesto contra a crescente mundanização da igreja institucional e visível. Nessa época, o ofício de bispo foi fortalecido, e o bispo de Roma tornou-se mais poderoso. Ao término do período, a Antiga Igreja Católica Imperial transformou-se na Igreja Católica Romana.

## ***História da Igreja Medieval, 590 – 1517***

O palco da ação nesse período muda do sul para o norte e oeste da Europa, isto é, para as margens do Atlântico. A Igreja Medieval, diante das levadas migratórias das tribos teutônicas, lutou para trazê-las ao cristianismo e fundir a cultura greco-romana e o cristianismo com as instituições teutônicas. Ao fazer isso, a Igreja medieval centralizou ainda mais sua organização debaixo da supremacia papal, desenvolvendo o sistema sacramental-hierárquico que caracteriza a Igreja Católica Romana.

### ***O surgimento do Império e do Cristianismo Latino-Teutônico, 590-800***

Gregório I (540-604) empenhou-se muito na tarefa de evangelizar as tribos teutônicas invasoras do Império Romano. A Igreja Oriental nesse período enfrentou a ameaça de uma religião rival, o Islamismo, que tomou muitos de seus territórios na Ásia e na África. Lentamente, a aliança entre o papa e os teutões concretizou-se na organização da sucessão teutônica do velho Império Romano, o Império Carolíngio de Carlos Magno. Esse foi um período de pesadas perdas.

### ***Avanços e retrocessos nas relações entre Igreja e Estado, 800-1054***

O primeiro grande cisma da Igreja aconteceu nesse período. A Igreja Ortodoxa Grega, depois de 1054, seguiu seus próprios caminhos com base na teologia criada por João de Damasco (c. 675-c. 749), no século VIII. A Igreja Ocidental nessa época feudalizou-se e procurou, sem muito sucesso, desenvolver uma política de relações entre a Igreja Romana e o Estado que fosse aceita tanto pelo papa quanto pelo Imperador. Por essa época, os reformadores de Cluny tentaram corrigir os males dentro da própria Igreja Romana.

### ***A Supremacia do papado, 1054-1305***

A Igreja Católica Romana medieval chegou ao clímax do poder sob a liderança de Gregório VII (Hildebrando, c. 1023-1085) e Inocêncio III (1160-1216), conseguindo forçar uma supremacia sobre o Estado pela humilhação dos soberanos mais poderosos da Europa. As cruzadas trouxeram prestígio para o papado. Monges e frades espalharam a fé romana e reconverteram dissidentes. A filosofia grega de Aristóteles, levada à Europa pelos árabes da Espanha, foi integrada ao cristianismo por Tomás de Aquino (1224-1274) numa catedral intelectual que se tornaria a expressão máxima da teologia Católica Romana. A catedral gótica era a expressão da visão sobrenatural e transcendental do período e fornecia uma “Bíblia de pedra” para os fiéis. A Igreja Romana seria apeada desse poder no período seguinte.

### ***O declínio medieval e o nascimento da Era Moderna, 1305-1517***

Tentativas *internas* de reformar um papado corrupto foram feitas pelos místicos, que lutaram para personalizar uma religião que se tornara institucionalizada demais. Tentativas de reforma foram feitas também por reformadores primitivos, tais como os místicos João Wycliffe e João Huss, por concílios reformadores e por humanistas bíblicos. A expansão geográfica do mundo, a nova visão intelectual secular da realidade na Renascença, o surgimento das nações-estado e a emergência da classe média eram forças *externas* que não tolerariam mais uma Igreja corrupta e decadente. A recusa da Igreja Católica Romana em aceitar a reforma interna tornou possível a Reforma.

## ***História da Igreja Moderna, 1517 e depois***

Esse período foi iniciado por cismas que deram origem às igrejas oficiais protestantes e à divulgação universal da fé cristã pela grande onda missionária do século XIX. O palco da ação não era mais o mar Mediterrâneo nem o oceano Atlântico, mas o mundo. O cristianismo tornou-se uma religião universal e global em 1995.

### ***Reforma e Contra-Reforma, 1517–1648***

As forças de revolta contidas pela Igreja Romana no período anterior irromperam nesse período, e novas igrejas protestantes nacionais surgiram: a luterana, anglicana, calvinista e anabatista. Como resultado, o papado foi obrigado a tratar da reforma. Por meio dos movimentos de contra-reforma do Concílio de Trento, dos jesuítas e da inquisição, o papado conseguiu deter o avanço do Protestantismo na Europa e ter vitórias nas Américas do Sul e Central, nas Filipinas e no Vietnã e experimentou uma renovação. Só depois do Tratado de Westfália (1648), que pôs fim à triste Guerra dos 30 anos, os dois lados se acalmaram para consolidar suas conquistas.

### ***Racionalismo, Reavivamentismo e Denominacionalismo, 1648–1789***

Durante esse período, as idéias calvinistas da Reforma chegaram à América do Norte através dos puritanos. A Inglaterra legou à Europa um racionalismo cuja expressão religiosa era o deísmo. Por outro lado, o pietismo na Europa continental mostrou ser a resposta à fria ortodoxia; sua expressão na Inglaterra foram os movimentos quacre e wesleyano. Embora alguns movimentos tivessem preferido permanecer o máximo possível dentro das igrejas nacionais, outros se separaram e se transformaram em denominações autônomas.

### ***Tempos de Reavivamentos, Missões e Modernismo, 1789–1914***

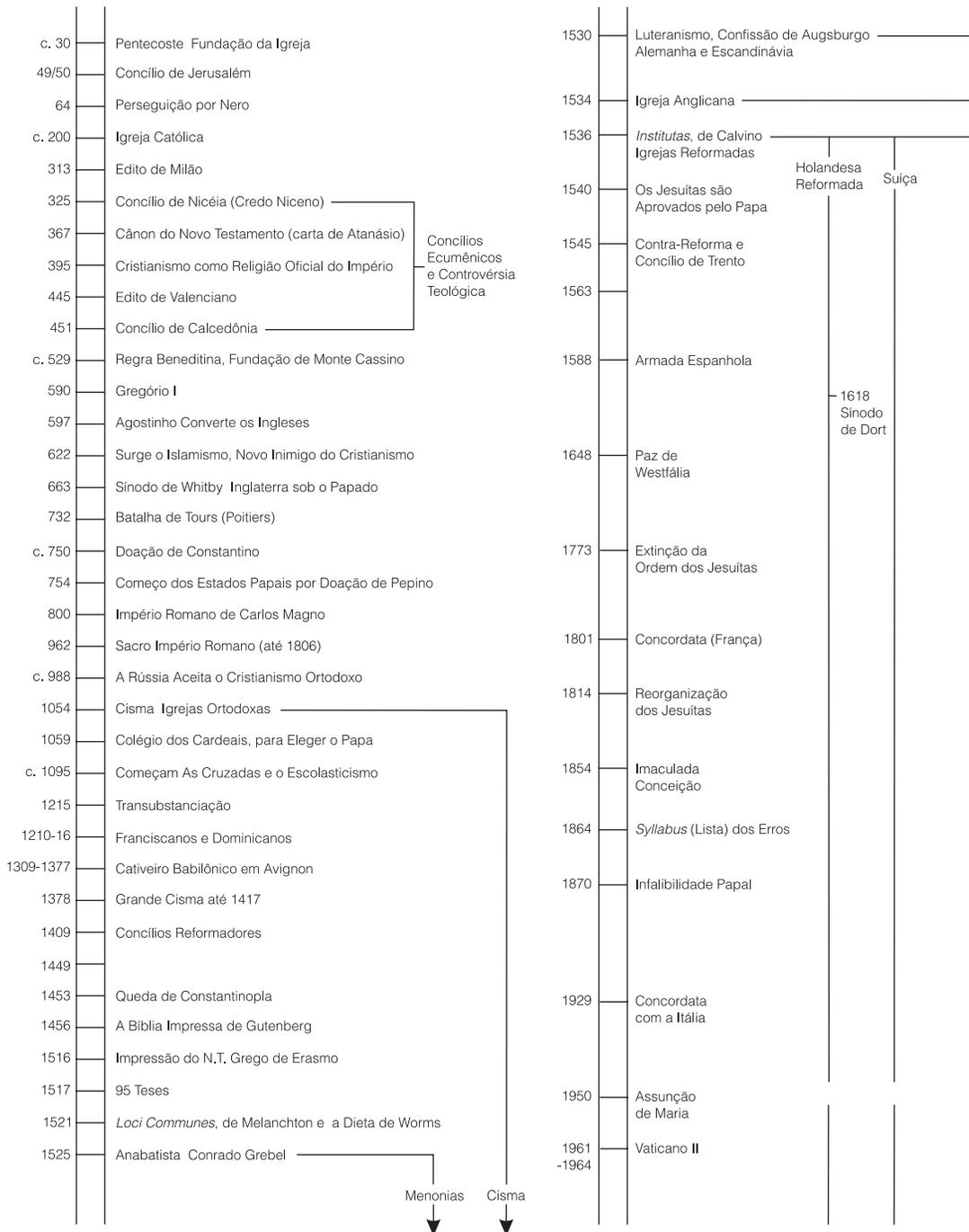
Na primeira parte do século XIX, houve um reavivamento do catolicismo. Sua contraparte protestante foi um reavivamento que criou um amplo movimento missionário no estrangeiro e provocou uma reforma social interna nos países europeus. Mais tarde, as forças destrutivas do racionalismo e do evolucionismo levaram a uma “ruptura com a Bíblia” que se manifestou no liberalismo religioso.

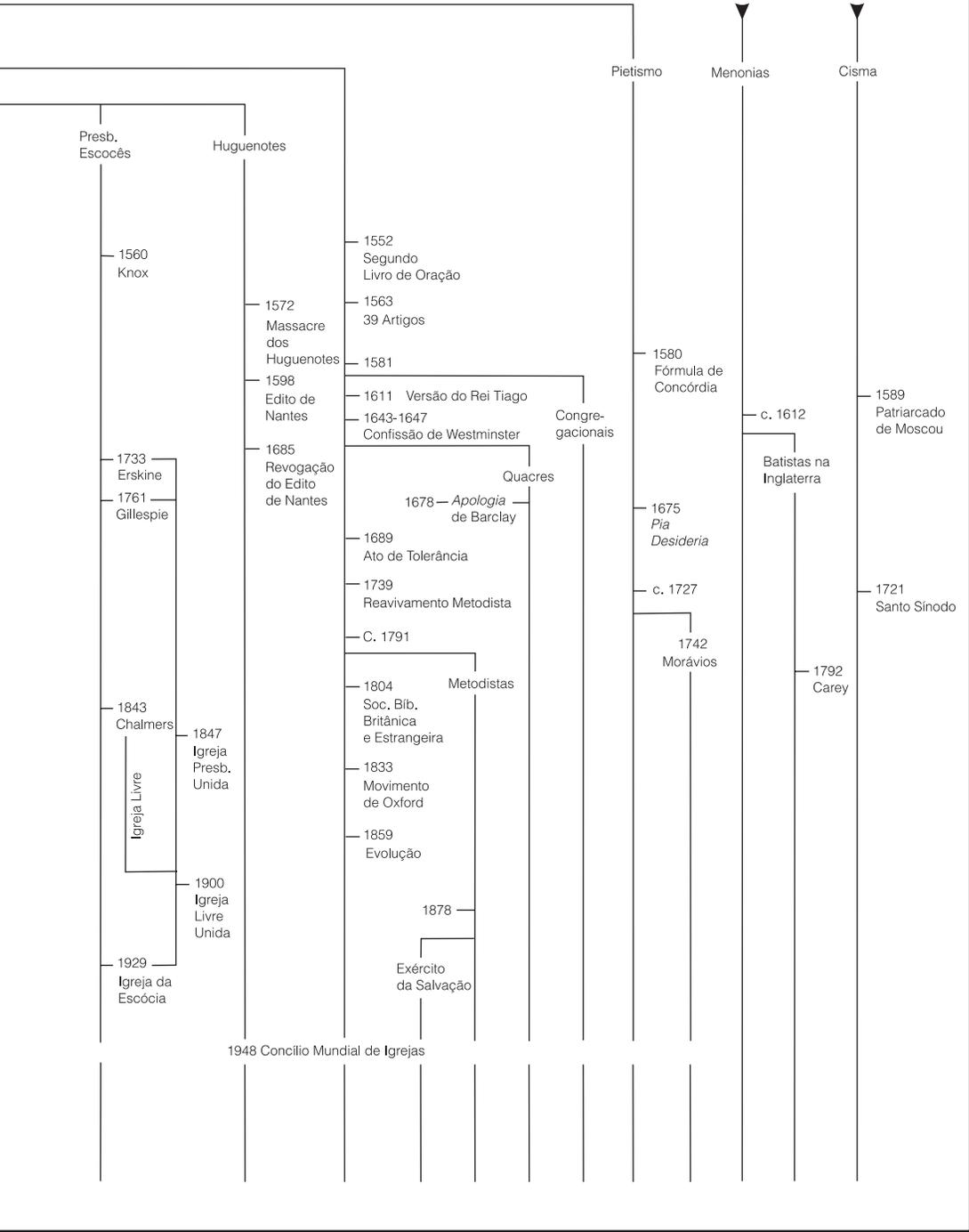
### ***A Igreja e a Sociedade em tensão desde 1914***

A Igreja em grande parte do mundo enfrenta o problema do Estado secular e totalitário e, em alguns casos, o Estado sob uma forma democrática dividida entre a guerra e o bem-estar social. O liberalismo, uma força de 1875 a 1929, deu lugar à neo-ortodoxia e seus sucessores mais radicais. A reunião pela cooperação em agências não-denominacionais, a fusão orgânica de denominações e a confederação de igrejas estão gerando uma coordenação ecumênica mundial. Os evangélicos que concordam em aspectos teológicos gerais, mas divergem em outros menos importantes estão rapidamente substituindo as igrejas liberais dos ramos tradicionais. Está ocorrendo um grande crescimento da Igreja através da fundação de megaigrejas e da evangelização em nações asiáticas da região da borda do Pacífico, América Latina e África. Muitas denominações estão dando posições de maior destaque às mulheres, seja na ordenação ao ministério ou em missões.



# Cronologia da História da Igreja







# História da Igreja Antiga

5 a.C. — 590 d.C.

*O Avanço do Cristianismo no  
Império até 100*

*A Luta pela Sobrevivência da  
Antiga Igreja Católica Imperial,  
100-313*

*A Supremacia da Antiga Igreja  
Católica Imperial,  
313-590*







## O Avanço do Cristianismo no Império até 100

### Capítulo 1 A plenitude dos tempos

Em Gálatas 4.4, Paulo chama a atenção para a era histórica da preparação providencial que antecedeu a vinda de Cristo à terra em forma humana: “Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho...” Marcos também indica que a vinda de Cristo aconteceu quando tudo já estava preparado na terra (Mc 1.15).<sup>1</sup> O estudo dos eventos que antecederam o aparecimento de Cristo sobre a terra faz com que o estudante equilibrado reconheça a verdade das afirmações de Paulo e Marcos.

Na maioria das discussões sobre esse assunto, esquece-se que não apenas os judeus, mas também os gregos e os romanos, contribuíram para a preparação religiosa para a vinda de Cristo. Os gregos e romanos ajudaram a levar o desenvolvimento histórico até o ponto em que Cristo pudesse exercer o impacto máximo sobre a história de uma forma até então impossível.

## I. O ambiente

### A. Contribuições políticas dos Romanos

A contribuição política anterior à vinda de Cristo foi basicamente obra dos romanos. Esse povo, seguidor do caminho da idolatria, dos cultos de mistérios e do culto ao Imperador, foi usado por Deus, a quem ignoravam, para cumprir a sua vontade.

1. Os romanos, como nenhum outro povo até então, desenvolveram um senso de unidade da humanidade sob uma lei universal. Esse senso de solidariedade do homem no Império criou um ambiente favorável à aceitação do evangelho que proclamava a unidade da espécie humana, baseada no fato de que todos os homens estavam sob a pena do pecado e que a todos era oferecida a salvação que os integra num organismo universal, a Igreja Cristã, o Corpo de Cristo.

Nenhum império do antigo Oriente Próximo, nem mesmo o império de Alexandre, tinha conseguido dar aos homens um sentido de unidade numa organização política. A unidade política seria a contribuição particular de Roma. A aplicação da lei romana aos cidadãos de todo o Império era imposta diariamente a todos os cidadãos e súditos do Império pela justiça imparcial das cortes romanas. A lei romana se originava da lei

<sup>1</sup> Veja também a Epístola a Diogneto, caps. 8—9, e Orígenes, Contra Celso, 2.30, em que há a mesma idéia.

consuetudinária da antiga monarquia. Durante os primeiros anos da república, no século v antes de Cristo, essa lei foi codificada nas Doze Tábuas, que eram parte essencial na educação de todo garoto romano. A compreensão de que os grandes princípios da lei romana estavam presentes também nas leis de todas as nações tornou-se cada vez mais evidente para os romanos, à medida que o *praetor peregrinus*, que era encarregado de julgar os casos que envolviam estrangeiros, se familiarizava com os sistemas legais dessas nações. Assim, o código das Doze Tábuas, baseado no costume romano, foi enriquecido pelas leis de outras nações. Os romanos de inclinação filosófica explicavam essas semelhanças pelo uso do conceito grego de uma lei universal cujos princípios foram escritos na natureza do homem e podiam ser descobertos por um processo racional.

Um passo adicional no estabelecimento da idéia de unidade foi a concessão de cidadania romana aos não-romanos. Esse processo foi iniciado no período anterior ao nascimento de Cristo e foi completado em 212, quando Caracala concedeu a cidadania romana a todos os homens livres do Império Romano. O Império Romano reunia todo o mundo mediterrâneo que contava na história de então; desse modo, para todos os propósitos práticos, todos os homens estavam debaixo de um único sistema jurídico e eram cidadãos de um só reino.

A lei romana, com sua ênfase na dignidade do indivíduo, e no direito deste à justiça e à cidadania romana, além de sua tendência a agrupar homens de raças diferentes numa só organização política, antecipou um Evangelho que proclamava a unidade da espécie, ao anunciar a pena do pecado e o Salvador do pecado. Paulo lembrou aos da igreja filipense que eles eram membros de uma comunidade celestial (Fp 3.20).

2. A movimentação livre em torno do mundo mediterrâneo teria sido muito difícil para os mensageiros do Evangelho antes de César Augusto (27 a.C.-14 d.C.). A divisão do mundo antigo em grupos, cidades-estado ou tribos, pequenos e enciumados um do outro, impedia a circulação e a propagação de idéias. Com o aumento do poderio imperial romano no período da expansão imperial, ocorreu uma era de desenvolvimento pacífico nos países ao redor do Mediterrâneo. Pompeu tinha varrido os piratas do Mediterrâneo, e os soldados romanos mantinham a paz nas estradas da Ásia, África e Europa. Esse mundo relativamente pacífico tornou mais fácil para os primeiros cristãos ir de um lugar para outro, pregando o evangelho a todos os homens.



**Mitrismo**, uma religião da antiga Pérsia e Índia. Mitra era o deus da luz e da sabedoria, que matou o touro sagrado. Do corpo moribundo do touro saíram todos os espécimes bons da fauna e da flora. A imortalidade era recebida através de rituais e de um rigoroso sistema ético. A seita era popular entre os soldados romanos.

3. Os romanos criaram um ótimo sistema de estradas que iam do marco áureo no fórum a todas as regiões do Império. As estradas principais eram construídas para durar séculos. Elas passavam por montes e vales até chegarem aos pontos mais distantes do Império. Um estudo das viagens de Paulo mostra que ele se serviu muito desse ótimo sistema viário para atingir os centros estratégicos do Império Romano. As estradas romanas e as cidades estrategicamente localizadas às margens dessas estradas foram uma ajuda indispensável na concretização da missão de Paulo.

4. O papel do exército romano no desenvolvimento do ideal de uma organização universal e na propagação do Evangelho não pode ser ignorado. Os romanos adotavam a prática de usar habitantes das províncias no exército como forma de suprir a falta de cidadãos romanos causada pelas guerras e pelo conforto da vida. Os provincianos entravam em contato com a cultura romana e ajudavam a divulgar suas idéias através do mundo antigo. Além disso, alguns desses homens converteram-se ao cristianismo e levaram o Evangelho às regiões para onde eram designados. É provável que a introdução precoce do cristianismo na Grã-Bretanha tenha sido resultado do trabalho de soldados ou comerciantes cristãos que andaram por lá.

5. As conquistas romanas levaram muitos povos a perder a fé em seus deuses, uma vez que eles não foram capazes de protegê-los dos romanos. Tais povos foram deixados num vácuo espiritual que não estava sendo satisfeito pelas religiões de então.

Além disso, os substitutos que Roma tinha a oferecer em lugar das religiões perdidas nada mais podiam fazer além de levar os povos a compreenderem sua necessidade de uma religião mais espiritual. O culto ao imperador romano, que surgiu cedo na Era Cristã, atraía o povo somente como um meio de tornar tangível o conceito de Império Romano.

As várias religiões de mistério pareciam oferecer muito mais que isso como um meio de auxílio espiritual e emocional, e nelas o cristianismo achou seu maior rival. A adoração de Cibele, a grande mãe terra, foi trazida da Frígia para Roma. A adoração dessa deusa da fertilidade tinha ritos tais como o drama da morte e ressurreição do consorte de Cibele, Átis, o que parecia suprir as necessidades emocionais do povo. O culto a Ísis, importado do Egito, era semelhante ao de Cibele, com sua ênfase na morte e ressurreição. O mitraísmo, importado da Pérsia, teve aceitação especial entre os soldados romanos. Ele tinha um festival em dezembro, um Maligno, um Salvador nascido miraculosamente — Mitra, um deus-salvador — além de capelas e cultos de adoração.

Todas essas religiões enfatizavam o deus-salvador. O culto de Cibele conclamava seus adoradores ao sacrifício de um touro e o batismo de seus seguidores com o sangue desse touro. O mitraísmo possuía, além de outras coisas, refeições sacrificiais. Por causa da influência dessas religiões, as exigências que o cristianismo apresentava aos indivíduos não pareciam tão estranhas. Quando muitos descobriram que os sacrifícios de sangue dessas religiões nada podiam fazer por eles, foram guiados pelo Espírito Santo a aceitar a realidade oferecida no cristianismo.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Alguns estudiosos atuais tentaram ver as religiões de mistério como uma das principais fontes do cristianismo. De acordo com eles, Paulo desenvolveu a simples religião ética de Jesus em uma religião de mistério. No entanto, deve ser lembrado que a Igreja Primitiva lutou contra essas religiões e recusou-se a ter qualquer contato com elas (1Co 8.5). Essa ação estava em contraste acentuado com a tendência romana ao sincretismo. Conquanto que um cidadão romano cumprisse as obrigações para com o culto ao Imperador, ele estava livre para seguir outras religiões se assim desejasse. Além disso, foi porque os cristãos se opuseram a misturar o cristianismo com qualquer outra religião que eles foram severamente perseguidos pelo Estado Romano. Basta ler as diversas apologias para descobrir que foram as reivindicações de lealdade exclusivista do cristianismo sobre a vida do indivíduo que geraram a perseguição severa. O mundo pagão romano descobriu rapidamente que essa nova religião, diferentemente de outras, não fazia concessões na sua ética e teologia. Assim é fácil ver o quão impossível teria sido para Paulo sintetizar o cristianismo com qualquer outra religião predominante daquela época.